

## PRIMEIRO ENCONTRO COM A SEMIOLOGIA – EXAME FÍSICO – RELATO DE UMA ESTUDANTE DE MEDICINA

### FIRST MEETING WITH SEMIOLOGY – PHYSICAL EXAMINATION - REPORT OF A MEDICAL STUDENT

Viktoria Weihermann<sup>1</sup>

Examinar um paciente. Inspeção, palpação, percussão e ausculta. Quatro princípios básicos, aparentemente simples. Simples? Pode-se dizer que inicialmente, para nós, estudantes de medicina, não é nenhum um pouco simples.

Já na primeira aula de Propedêutica Médica II, somos apresentados a uma enorme lista de passos do exame físico. Memorizá-la parece uma tarefa inalcançável. Aprender passo a passo exige dedicação, e nestes momentos, é preciso praticar. Família e amigos tornam-se pacientes. O quarto de casa torna-se um consultório. A cama torna-se maca. E a mochila? A mochila torna-se uma maleta, onde o caderno passa a dividir espaço com o esfigmomanômetro, o estetoscópio e tantos outros aparelhos.

Assim, começamos a praticar e tudo é aparentemente impossível. Colocamos o estetoscópio, mas inicialmente parecemos nada escutar. Até aferir a pressão é difícil. Não sabemos como apoiar o braço do paciente. Não sabemos o que fazer com cada uma de nossas mãos. Não sabemos de que lado ficar. E, nestas horas, não sabemos nem o que falar. E o nervosismo? Como manter as mãos quentes, quando, na verdade, estamos frios de suor?

As semanas passam e cada parte do exame torna-se um novo desafio. A arte de inspecionar, algo aparentemente cotidiano, transforma-se, na verdade, em uma grande missão. Quanto tempo dispensar a uma boa inspeção? Como observar? O que observar? Passamos, então, à palpação. Novas dúvidas surgem. Não temos ideia de como colocar a mão e quão profundamente devemos palpar. Além disso, nem sequer sabemos o aspecto normal de um órgão a palpação. O máximo que conseguimos, às vezes, é dizer: “Isso não é normal”.

Percutir, então, é um mundo a parte. Inicialmente ficamos com dedos vermelhos e apenas produzimos sons

baixos e indistinguíveis. À medida que o tempo passa, contudo, vemos que não é a força, mas o jeito. Assim, cada objeto se torna um potencial objeto para percussão. Treinamos, treinamos e treinamos, até que, de repente, os sons ficam mais claros e os dedos não ficam mais vermelhos. Estávamos dominando a percussão. Restava ainda a ausculta. Se antes pensávamos que era só colocar o estetoscópio e auscultar, agora vemos quão enganados estávamos. Mil tipos de sons semelhantes invadem nossa cabeça e se misturam. Neste momento, nos perguntamos: “Será possível algum dia distinguir todos estes sons?”

De todos esses clássicos momentos, contudo, acredito que a fundoscopia seja um dos mais desafiadores. Lendo a teoria no livro, parece que é simples. Posição correta, aparelho ajustado. Agora é apenas olhar o fundo de olho, certo? Não. Na primeira vez sequer o clarão laranja vemos. Para achar um vaso dispensamos um bom tempo. E o disco óptico? Chegamos até a duvidar de sua existência nas tentativas iniciais. Mas, como diria Drummond, aos poucos vamos desbravando o Amazonas de nossa ignorância e, assim, passamos a enxergar novas estruturas. Ainda está longe de se tornar fácil, mas nos acostumamos. E mais uma vez treinamos, treinamos e treinamos.

Portanto, se formos resumir a propedêutica II, poderíamos dizer que são novos desafios a cada aula. Novos acertos. Novas falhas. Um jogo com a nossa paciência e nossa perseverança. E assim, redescobrimos a medicina mais uma vez. Nos emocionamos novamente. E se já não sabíamos, consolidamos: ninguém nasce sabendo. Exame físico é dedicação, estudo e muita repetição.

1- Estudante de Medicina da Universidade Federal do Paraná - UFPR

Contato do Autor / Mail to:

Viktoria Weihermann – vikweihermann@gmail.com

Rua Ubaldino do Amaral, 337 - Alto da Glória - Curitiba - PR - CEP: 80.060-195